

Educação sem rótulos

ANTÔNIO LUIZ MENDES DE ALMEIDA*

Fechadas as urnas, definidas as eleições, ainda ecoam, longínquas, as mesmas promessas mofadas que ofertavam o destaque da educação que mereceria investimentos, consideração, reformulações e transforma-se-ia em prioridade urgente. Todos os pretendentes aos cargos públicos, da Presidência a uma representação parlamentar estadual, mendigaram votos, acenando com mudanças, verbas, reforços, metas grandiosas que, como é de hábito, se esgotaram nas palavras proferidas com estudada entonação e nos gestos treinados com que buscam iludir uma população incauta. Garantiram escolas para todas as crianças, a ampliação do ensino fundamental para nove séries, antecipando-se à entrada para os seis anos bem como a criação de mais creches e incremento dos cursos para recuperação do tempo perdido, entre outras medidas. Foram vocábulos gastos, truques velhos e ilusionismo barato de que se valeram para conquistar o eleitor ignaro e desfavorecido. Brincaram, com requintes de crueldade, com as aspirações mais sagradas do povo que deseja progredir e espera uma vida menos sofrida.

Vamos encerrando a década, o século, o milênio continuando a arrastar questões veteranas que não se equacionam porque, talvez, não interesse: se resolvidas, acabaria o discurso decorado e fácil, a platéia ouvinte saberia distinguir o capaz do aventureiro e presunçoso. Suportamos ainda, para exemplificar, uma taxa alta de analfabetismo depois de tudo quanto foi gasto no Mobral e nas promoções eventuais e temos de ouvir que só o erradicaremos daqui a dez

anos quando, hoje, a globalização e a competição acirrada estão a exigir uma formação pelo menos de segundo grau para alcançar algum emprego razoável.

A evolução, o crescimento, a satisfação pessoal somente se atingem através do grande e único agente que é a educação. Ela é a base, a alavanca, o sustentáculo do desenvolvimento que se almeja. Não basta copiar ora o sistema francês ora o americano, pois nosso corpo, com tantas diferenças regionais, não se amolda ao feito pronto e inflexível. É preciso encontrar as nossas soluções, as respostas de uma nação que tem de, obrigatoriamente, queimar etapas caso pretenda alinhar-se ao primeiro time.

Se foram sérias e para valer as intenções dos aspirantes a "representantes do povo" porque, desde logo, não se despreza a educação das siglas partidárias e das ideologias fechadas? Condicionar o MEC, por exemplo, a que seu titular reze pela mesma cartilha, seja um filiado obediente aos postulados da agremiação política sazonal, significa, obviamente, assumir o alto risco de se desprezarem valores engajados em facções diversas em função das regras do jogo viciado. Atravessaremos, aliás, um período já longo de alta esterilidade e não se pode apontar, atualmente, nenhum educador de renome nacional, mas sempre há alguém mais preparado e capaz de levar adiante a tarefa ingente da educação, que não pode ficar agrilhoada ao tempo de um mandato e sujeita a alterações de humor ou vítima de espúrias barganhas.

Não se faz educação com leis modificadas a cada decênio, com invenções despropositadas ou objetivos grandiosos, mas irrealizáveis, ape-

nas engodos. É imprescindível, sim, mudar as mentalidades e encontrar o nosso vetor de saída para os problemas que nos afligem. Próximos da virada drástica do calendário, bombardeados pelas mutações sociais e o avanço tecnológico, permanecemos atolados no retrocesso, na desesperança, na ignorância do que fazer.

Temos de começar mais uma vez de maneira sólida e definitiva a erguer a nossa estrutura educacional que pressupõe creches, pré-escolas, alfabetização total, ensino básico para todos como ponto de partida para a redenção do nosso sistema de educação e o fortalecimento das universidades habilitadas a responder aos anseios das comunidades que se sustentam sem jamais receber coisa alguma em troca. Este é o trabalho formidável, de dimensões gigantescas, um belo desafio que requer preparo e devoção, independentemente de credo e compromissos partidários.

A educação não admite rótulos, ela não é propriedade de uma ideologia ou de padrões isolados de uma facção qualquer, ela é a maior aspiração humana, o bem indestrutível e perene, o capital mais valioso do indivíduo e do país. Não cabe a nenhum político assenhorar-se da educação, ela pertence a todos e é obrigação de qualquer um investido no poder, seja qual for o seu matiz, assegurar-lhe o lugar de evidência, livre das injunções e das picuinhas para que possa cumprir seu destino indeclinável de proporcionar a concretização das legítimas aspirações do ser humano e a construção de sociedades mais justas.

*Professor da Universidade Candido Mendes